

RITA DE CÁSSIA E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL

DOI 10.5281/zenodo.10407381

Rosa Maria Mijas Beloto¹

RESUMO

A violência contra a mulher já está expressa nos mais antigos documentos da História e da Literatura. Há oito séculos, por exemplo, as marcas do sofrimento feminino estavam presentes nas cantigas medievais portuguesas e na vida de santas e mártires do Cristianismo, documentada nas hagiografias. O presente artigo traz de volta algumas dessas marcas presentes na Literatura Medieval Portuguesa e nas canções com eu-lírico feminino de Chico Buarque de Holanda, aproximando passado e presente numa mesma dor.

PALAVRAS -CHAVE: Mulher; Violência; Cantigas; Hagiografias.

SUMMARY

Violence against women is already expressed in the oldest documents in History and Literature. Eight centuries ago, for example, the marks of female suffering were present in medieval Portuguese songs and in the lives of Christian saints and martyrs, documented in hagiographies. This article brings back some of these marks present in Portuguese Medieval Literature and in the songs with female lyrics by Chico Buarque de Holanda, bringing past and present together in the same pain.

KEYWORDS: Woman; Violence; Songs; Hagiographies.

RESUMEN

La violencia contra la mujer ya está expresada en los documentos más antiguos de la Historia y la Literatura. Hace ocho siglos, por ejemplo, las marcas del sufrimiento femenino estaban presentes en las canciones portuguesas medievales y en las vidas de santos y mártires cristianos, documentadas en hagiografías. Este artículo recupera algunas de estas marcas presentes en la literatura medieval portuguesa y en las canciones con letras femeninas de Chico Buarque de Holanda, uniendo pasado y presente en un mismo dolor.

PALABRAS CLAVE: Mujer; Violencia; Canciones; Hagiografías.

¹ Rosa Maria Mijas Beloto, Diretora de Pesquisa, Extensão e Publicações da UNIESP, Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987). Coordenadora de Graduação e Pós Graduação em Letras, Diretora Acadêmica/Pedagógica das Unidades Centro da Faculdade de São Paulo, sendo também sua Procuradora e Pesquisadora Institucional (PI) junto ao MEC, como Diretora de Cultura e de Projetos Sociais do GRUPO EDUCACIONAL UNIESP e, atualmente, como Diretora de Pesquisa e Extensão do mesmo GRUPO e como Diretora de Extensão e Assuntos Comunitários da UNIVERSIDADE BRASIL. Diretora do Colégio Teresa Martin. Como AVALIADORA CREDENCIADA DA UNESCO nos Projetos Ano Internacional da Luz (2015) e Ano Internacional do Entendimento Global (2016). Atualmente, atua como Consultora Acadêmica em Instituições de Ensino Superior. É escritora. [Endereço para acessar este CV: http://lattes.cnpq.br/8783663040700525](http://lattes.cnpq.br/8783663040700525), ID Lattes: 8783663040700525

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Já lhe dei meu corpo, minha alegria
Já estanquei meu sangue quando fervia
Olha a voz que me resta
Olha a veia que salta
Olha a gota que falta
Pro desfecho da festa
Por favor
Deixe em paz meu coração
Que ele é um pote até aqui de mágoa
E qualquer desatenção, faça não
Pode ser a gota d'água
Deixe em paz meu coração
Que ele é um pote até aqui de mágoa
E qualquer desatenção, faça não
Pode ser a gota d'água!* ("Gota d'Água", Chico Buarque de Holanda (1))

Essa canção de autoria de Chico Buarque de Holanda, cujo eu-lírico é feminino (lamento de Medéia, personagem da obra dramática "Gota d'Água", do autor), é uma das muitas que o autor fez em sua carreira. Poesias acompanhadas de música em que um eu-lírico feminino lamenta a sua situação diante do relacionamento "tóxico" que mantém com o homem que ama e que a maltrata, que bem ilustram a tão frequente violência à mulher na atualidade, remete-nos a um momento da História e da Literatura que, embora comece na Antiguidade, acentua-se e data de oito séculos passados: a Idade Média e o Trovadorismo, principalmente às chamadas CANTIGAS DE AMIGO.

Nos 17 anos da "Lei Maria da Penha" e no momento em que o Brasil é um dos campeões num "ranking" vergonhoso – o de violência contra a mulher – voltemos ao longínquo momento em que a mulher levava uma vida segregada, severamente vigiada em casa, primeiro pelo pai e depois pelo marido – ou, se "casada com Cristo" – num convento, sem instrução, vítima de todo o tipo de violência, um ser desprovido de vontade, de direitos e até considerada "criação do demônio", como era pela classe dominante – o clero – mostrando que essa violência não é de hoje, e que o que na verdade a mulher conquistou quando começou a ter espaço na vida em sociedade a partir do século XX foi apenas acumular mais trabalho: em casa e fora dela. Voltemos à feudal, teocêntrica, convencional e patriarcal Idade Média. Voltemos ao século XII em Portugal e à

Literatura das cantigas e, neste artigo, também a uma modalidade de prosa comum na época de domínio da religiosidade católica: as HAGIOGRAFIAS. Os motivos de se produzir este artigo aparecerão no seu desenrolar, quando também serão lembradas outras canções de Chico Buarque com eu-lírico feminino, introduzindo cada uma de suas partes.

I -Literatura Medieval Portuguesa - Trovadorismo ou Literatura Provençal - séculos XII e XIII (2)

*Com açúcar, com afeto
 Fiz seu doce predileto
 Pra você parar em casa
 Qual o quê!
 Com seu terno mais bonito
 Você sai, não acredito
 Quando diz que não se atrasa
 Você diz que é um operário
 Sai em busca do salário
 Pra poder me sustentar
 Qual o quê!
 No caminho da oficina
 Há um bar em cada esquina
 Pra você comemorar
 Sei lá o quê!
 Sei que alguém vai sentar junto
 Você vai puxar assunto
 Discutindo futebol
 E ficar olhando as saias
 De quem vive pelas praias
 Coloridas pelo sol
 Vem a noite e mais um copo
 Sei que alegre ma non troppo
 Você vai querer cantar
 Na caixinha um novo amigo
 Vai bater um samba antigo
 Pra você lembrar
 Quando a noite enfim lhe cansa
 Você vem feito criança
 Pra chorar o meu perdão
 Qual o quê!
 Diz pra eu não ficar sentida
 Diz que vai mudar de vida
 Pra agradar meu coração
 E ao lhe ver assim cansado
 Maltrapilho e maltratado
 Ainda quis me aborrecer?
 Qual o quê!
 Logo vou esquentar seu prato
 Dou um beijo em seu retrato
 E abro os meus braços pra você.*

(“Com açúcar, com afeto”, Chico Buarque de Holanda (3))

AS INVASÕES BÁRBARAS NA EUROPA

A Queda do Império Romano tem pelo menos uma consequência negativa: a Europa torna-se um continente militarmente desprotegido, ou seja, propício às

invasões bárbaras por ele sofridas a partir de então. Desde o início da Idade Média (476-1453), por isso, os europeus ocupam-se com as **Guerras de Reconquista**, ou seja, com a expulsão dos povos bárbaros, principalmente dos **mouros** (muçulmanos, adoradores de Maomé) que haviam se instalado em grande número na **Península Ibérica** (Portugal e Espanha). Nessa época, a Europa é um conjunto de reinos e Portugal ainda não existia como nação.

A FEUDAL, TEOCÊNTRICA, CONVENCIONAL E PATRIARCAL IDADE MÉDIA O FEUDALISMO

O sistema social, econômico e político predominante na Idade Média chama-se **Feudalismo**.

Com a Queda do Império Romano, como já citado, o continente europeu fica militar e politicamente propenso às invasões. Para evitar o caos e para facilitar a expulsão dos invasores bárbaros, a Europa é dividida em reinos e cada reino em grandes lotes de terras ou **feudos**.

Cada feudo possui um administrador com plenos poderes: o **senhor feudal**. Assim, no sistema feudal, o poder do rei é descentralizado para os feudos, para os senhores feudais.

A atividade econômica principal na Europa medieval é a Agricultura: o senhor feudal *arrenda* as terras do feudo aos agricultores - seus **servos ou vassallos** - que pagam o arrendamento com produtos nela cultivados e colhidos; quase toda a produção agrícola, assim, é de propriedade do senhor feudal, ficando apenas uma pequena parte dessa produção ao servo (o suficiente para sua subsistência e da sua família). O senhor feudal, por sua vez, "presta contas" ao rei de "tudo" que diz respeito ao feudo que administra, além de ser seu cavaleiro, seu companheiro e defensor nas guerras: ele é vassalo do rei.

Além dos servos, os feudos contam ainda com os cavaleiros do senhor feudal e com os artesãos, aqueles que elaboram manualmente as roupas, os calçados, os utensílios e todos os objetos consumidos pela sociedade.

No sistema feudal, as mercadorias são *trocadas* entre si, conforme o valor de uso (a necessidade dos envolvidos na troca), ou seja, o valor material das mercadorias praticamente fica em segundo plano ou, às vezes, nem é levado em conta.

Além das classes sociais já citadas (servos/ artesãos/ cavaleiros/ senhores feudais e outros nobres/ reis) a sociedade feudal tem uma outra - a mais poderosa das classes - que é o CLERO. No próximo item veremos de onde vem todo o poder do clero medieval.

O TEOCENTRISMO

O Cristianismo é a religião oficial da Europa na Idade Média, tanto que aquele que não é cristão é inimigo político e religioso. A religião, assim, é algo de extrema importância para o homem medieval: agradar e obedecer a Deus é seu objetivo de vida, ou seja, Deus é o centro da vida humana nessa época. O **TEOCENTRISMO**, portanto, é um dos traços essenciais da cultura medieval.

A instituição social que se diz "porta-voz de Deus na Terra" é a Igreja Católica; assim, aquele que deseja servir plenamente a Deus (não importa a que classe social pertença), deve ficar atento ao que prega a Igreja e seguir fielmente os seus preceitos: o que é pecado, o que é virtude, como se caracteriza o verdadeiro cristão, etc. Com tal ideologia, plenamente aceita por todas as classes sociais, o poder "divino" da Igreja determina o modo de vida, os valores mais importantes, a maneira de ser de toda a sociedade: o CLERO é, por isso, a classe dominante - a mais poderosa econômica-política-socialmente falando, dentro da sociedade medieval.

O CONVENCIONALISMO

A sociedade medieval é convencional, ou seja, nela as pessoas se tratam com extremo respeito e formalidade, mesmo as mais íntimas ou as mais zangadas. É por isso que, nessa época, é muito comum, no dia a dia de todas as classes sociais, o uso de palavras e expressões de tratamento como: vós, vos, vosso(a)(s), senhor, senhora, dom/dona (para reis/rainhas/nobres em geral), amigo (namorado), etc, e os verbos na 2a. pessoa do plural. O

tratamento cortês (convencionalismo social), assim, é outro traço da cultura medieval.

O PATRIARCALISMO

Esse traço da cultura medieval muito interessa neste artigo. A sociedade medieval é patriarcal: a mulher leva uma vida segregada, não tem qualquer participação social e depende totalmente do homem. Trancada e vigiada em casa - primeiro pelo pai, depois pelo marido - a mulher é educada para ser mãe e esposa, ocupando-se dos afazeres domésticos, de trabalhos manuais como tecer, bordar, costurar, etc. Raramente a mulher tem alguma instrução.

Todos esses traços da cultura medieval aparecem marcados (presentes) na obra literária européia, da qual a Literatura Portuguesa é nosso exemplo e objeto de estudo. A Literatura Portuguesa surge no século XII, simultaneamente ao surgimento de Portugal como nação.

A LITERATURA MEDIEVAL PORTUGUESA: AS CANTIGAS

Denominações e origem da Literatura Medieval Portuguesa:

A Literatura Portuguesa surge no século XII: na Idade Média, portanto. Tudo o que se considerou até aqui a respeito da Idade Média, logicamente, vale para Portugal: o que ocorre na sociedade, na Arte e na Literatura portuguesas é exemplo do que ocorre em toda a Europa.

As primeiras obras literárias portuguesas são elaboradas em versos: são poemas. Como ainda não há imprensa nessa época, os poemas medievais são orais e com acompanhamento musical, recebendo, por isso, o nome de **CANTIGAS ou TROVAS**. As cantigas são divulgadas nas ruas, nas praças, nas festas, nos palácios; para facilitar sua memorização e divulgação, as cantigas são elaboradas com versos curtos que não seguem necessariamente as normas da Versificação e que se repetem pelo poema; além disso, a linguagem das cantigas é extremamente fácil, pois, a língua falada em Portugal é o **galego-português**.

A primeira obra literária portuguesa de que se tem notícia data de 1189: a cantiga "**A Ribeirinha**", de autoria de Paio Soares de Taveirós, uma cantiga de amor em homenagem a Maria Paes Ribeiro; como os poetas não podiam revelar o nome das suas amadas nas cantigas de amor e como a homenageada era casada, o autor dessa cantiga se inspirou no sobrenome da amada para nomear sua obra.

É das palavras **trova** e **trovador** (poeta nobre que faz trovas) que deriva o nome mais comum que se dá a toda Literatura Portuguesa elaborada na Idade Média: **Trovadorismo**.

As primeiras cantigas ou trovas medievais portuguesas são inspiradas nas cantigas que há muito tempo já eram feitas em Provença, no sul da França; por isso, a Literatura Medieval Portuguesa também é chamada de **Literatura Provençal**.

Apesar de oito séculos terem se passado, as cantigas continuam existindo: basta ligarmos o rádio e ouviremos **POEMAS ORAIS (cantados) ACOMPANHADOS DE MÚSICA...**

TIPOS DE CANTIGAS

CANTIGA DE AMOR: o eu-lírico é masculino; o conteúdo dessas cantigas consiste numa declaração de amor a uma mulher. Nessa declaração:

- o homem revela seu amor platônico, pois tal amor não pode ser correspondido pela amada, já que ela é casada, ou mais rica que ele, etc, ou seja, existe pelo menos um obstáculo impossível de ser superado para que o amor entre ambos se concretize;
- diante da impossibilidade de que seu amor seja correspondido pela amada, o eu-lírico diz se contentar pelo menos em ver a amada e, caso nem isso seja possível, ele prefere morrer;
- a amada é sempre idealizada, divinizada e cultuada;

- a amada é tratada pelo pronome **SENHORA**. Para compensar a mulher das desvantagens por ela sofridas na sociedade patriarcal, no relacionamento amoroso o homem finge-se inferior a ela e, numa atitude de **vassalagem**, passa a tratá-la com a mesma cortesia, respeito e submissão com que trata seu senhor feudal nas relações sociais (no seu dia a dia): em suma, no relacionamento amoroso, a mulher aparece como "superior" ao homem. Há alguns estudiosos que levantam a possibilidade de que o homem trata a mulher por SENHORA, no relacionamento amoroso, visto que ela adquire um caráter divino e é cultuada por ele como se cultua uma deusa, uma santa (como se ela fosse Nossa Senhora, mãe de Jesus); de qualquer forma, essas duas possibilidades mostram que o homem transfere para o relacionamento amoroso as práticas mais importantes de seu dia a dia: a de vassalagem e a de religiosidade extrema;

- o nome da amada não é revelado.

As cantigas de amor, portanto, apresentam um conteúdo que expressa tristeza, solidão, amor platônico, desejos não realizados, etc, ou seja, possui "tom" triste: pertencem ao **Gênero Lírico** e, pelo conteúdo melancólico, são **elegias**.

II - Exemplo de cantiga de amor:

"Senhora, tanto eu queria, Se a Deus e a vós aprouvesse que onde estais sempre estivesse, senhora, então me daria por tão radiante que daí em diante nem por rei ou infante eu me trocaria.	Muito contente andaria , se onde vivêsseis, vivesse. Apenas isto entendesse, com razão eu me daria por tão radiante que daí em diante nem por rei ou infante eu me trocaria." (Dom Dinis - CV 136 - CBN 533)
--	---

CANTIGA DE AMIGO: o eu-lírico é feminino. Consiste num desabafo da mulher acerca da vida (terrível) que leva numa sociedade patriarcal e/ou na declaração de amor pelo seu amigo (seu namorado) e da saudade e do ciúme que sente dele, já que lhes falta liberdade para seus encontros. Tal desabafo normalmente é dirigido a outra mulher (sua mãe, irmã, amiga, etc, que a entende, pois passa pelos mesmos dissabores), a Deus ou a algum elemento da natureza (mar, árvores, céu, etc.).

Assim como as cantigas de amor, as cantigas de amigo também possuem conteúdo melancólico: são do Gênero Lírico - Elegias.

A informação mais curiosa que se tem a respeito das cantigas de amigo, porém, é a de que elas são elaboradas por homens. Ao que parece, eles penetram e entendem a alma feminina tanto quanto ou, às vezes, até mais que certas mulheres.

Na realidade, a vida da mulher na Idade Média, independente da classe social, é muito pior da que é expressa nas cantigas de amigo. Ela não tem qualquer importância social, é considerada um ser desprovido de direito, de inteligência, sofre agressões físicas, verbais e violências de toda a ordem. Muitos religiosos a consideram criação do demônio e, por isso, estão ligadas facilmente a bruxarias, ocultismos e outras "heresias", não raro condenadas à fogueira da Inquisição. A declaração amorosa contida nas cantigas de amigo e a vassalagem amorosa são, portanto, formas que os poetas que se colocam no lugar das mulheres ao criarem eu-líricos femininos encontram para amenizar o verdadeiro sofrimento por que passam as mulheres na vida real.

Exemplo de cantiga de amigo:

"Não posso, mãe, ir a Santa Cecília, porque me guardais de noite e de dia do meu amigo Sempre desolada me haveis de ver enquanto a vontade não puder fazer do meu amigo.	Se não me guardásseis de noite e de dia com este cuidado eu não morreria por meu amigo." (Martim de Guinzo -CV 879-CBN 1222)
---	---

CANTIGA DE ESCÁRNIO: é uma sátira que critica indiretamente o sistema ou alguém; a crítica irônica é tão bem elaborada que, por parecer um elogio, tal tipo de cantiga é a preferida dos senhores feudais, muitas vezes o alvo da crítica.

Exemplo de cantiga de escárnio:

"Uma dama não digo qual não agoirou este ano mal pelas oitavas do Natal: ia ela a missa ouvir e ouvindo um corvo carniçal	Diz a dama: "mal me virá! Paramentado o padre está e a maldição me lançará se na igreja não me vir." Diz o corvo: "vem cá! vem cá!"
---	---

já de casa não quis sair
 la a dama com devoção
 ouvir a missa e o sermão
 Mas não podendo à tentação
 carnal do corvo resistir
 logo mudou de opinião:
 já de casa não quis sair.

Já de casa não quis sair
 Eis os agoiros espantosos
 que este ano ouvi; nunca na
 vida ouvira semelhante:
 ia à igreja, mas ao sentir
 em cima dela o rapinante
 já de casa não quis sair."
 (CV 1077/CBN 1467- João Airas)

CANTIGA DE MALDIZER: é uma sátira que critica direta e violentamente o sistema ou alguém: as corrupções, os roubos, os adultérios, as explorações, etc, e seus envolvidos são citados nominalmente.

Exemplo de cantiga de maldizer:

"Dom Bernaldo, pois trazeis
 convosco uma tal mulher,
 a pior que conheceis
 que se o alguazil souber,
 açoitá-la quererá.
 A prostituta queixar-se-á
 e vós, assanhar-vos-ei
 Vós que tão bem entendeis.
 o que um bom jogral entende,
 por que demônio viveis
 com uma mulher que se vende?"

E depois, o que fareis
 se alguém a El-Rei contar
 a mulher com quem viveis
 e ele a quiser justiça?
 Se nem Deus lhe valerá,
 muito vos molestará,
 pois valer-lhe não podeis."

(Pero da Ponte-CV 1175/CBN 1545)

Podemos observar, na nota de rodapé, que²:

CANCIONEIROS são "arquivos" onde são encontradas algumas das cantigas medievais portuguesas (as que foram compiladas e guardadas). Conhecem-se 3 Cancioneiros de poemas em galego-português: "**Cancioneiro da Ajuda**"(CA), "**Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa** " (CBN), também chamada "**Cancioneiro Colloci-Brancutti**", e o "**Cancioneiro da Vaticana**"(CV), daí serem colocadas no final das cantigas exemplos a sigla dos Cancioneiros em que estão "arquivadas". Graças à existência desses Cancioneiros que temos hoje exemplos de cantigas medievais portuguesas, mesmo que a maioria delas sejam de autoria de poetas nobres e que as mais populares (e, por isso, bem interessantes) perderam-se no tempo.(4)

² Alguns autores consideram a sátira como uma modalidade do Gênero Lírico; outros, como um Gênero à parte (Gênero Satírico).

PESSOAS ENVOLVIDAS NA ELABORAÇÃO/APRESENTAÇÃO DAS CANTIGAS PORTUGUESAS

Há denominações diferentes para o poeta nobre e para o poeta plebeu:

. Poeta nobre: é o **trovador**/Poeta plebeu: é o **jogral**.

Caso o poeta não tenha conhecimentos musicais para o acompanhamento do poema, ele pede a colaboração de alguém que é apenas COMPOSITOR: o **menestrel**. O poeta também deve ter boa voz para apresentação da cantiga, já que ela é um poema ORAL; mas caso o poeta não possui tais dotes fônicos, ele pede a colaboração de um CANTOR: o **segrel**.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DA LITERATURA MEDIEVAL PORTUGUESA

SUBJETIVIDADE: a poesia medieval portuguesa é lírica, predominando a função emotiva da linguagem, ou seja, seu conteúdo expressa as emoções, os sentimentos, a visão de mundo do emissor (do eu-lírico), marcadas no texto através de palavras na 1a. pessoa (verbos, pronomes), das interjeições, das exclamações;

TEOCENTRISMO: o eu-lírico expressa sua religiosidade extrema através da palavra Deus - sempre presente nas cantigas- dos nomes de santos, de elementos do Cristianismo, festas e lugares santos, etc.

CONVENCIONALISMO: todo o convencionalismo social está marcado nas cantigas medievais através da presença de pronomes e verbos na 2a. pessoa do plural (vós, vods, vossa(o)) e dos pronomes de tratamento: senhora, dom, dona, amigo, etc.

SUPERIORIDADE FEMININA NO AMOR: nas cantigas de amor (às vezes até em outras), ao declarar-se à amada, o homem finge-se inferior, submisso a ela (VASSALAGEM): ela é cultuada como um ser superior, divino, ao contrário do que acontece na realidade;

PATRIARCALISMO: marcado nas cantigas medievais através do desabafo que o eu-lírico feminino faz nas cantigas de amigo a outra mulher, à natureza ou a Deus.

Como se pode notar, as cantigas medievais portuguesas contêm marcas do tipo de cultura, do momento em que elas foram elaboradas: elas são, portanto, verdadeiros documentos de época (documentos históricos).

A PROSA MEDIEVAL PORTUGUESA

A obra medieval em prosa é composta por NARRATIVAS de 4 tipos:

Cronicões: narrativas de fatos históricos importantes colocados em ordem cronológica, entremeados de fatos fictícios;

Hagiografias: narrativas que contam a vida de santos (as). São biografias;

Nobiliários: ou livros de linhagens, são relatórios a respeito da vida de um nobre: sua árvore genealógica (antepassados), relação das riquezas e dos títulos de nobreza que possui, etc;

Novelas de Cavalaria: narrativas literárias em capítulos que contam os grandes feitos de um herói, entremeados de célebres histórias de amor. A maioria das novelas de cavalaria portuguesas são traduções ou adaptações de novelas francesas ou inglesas. Pertencentes ao Ciclo carolíngio ou francês - novelas cujo herói é Carlos Magno – ou do ciclo *arturiano ou bretão – cujos heróis são* o Rei Artur e seus célebres cavaleiros da tábua redonda – as quais pertencem as novelas portuguesas mais famosas como "**A Demanda do Santo Graal**" e "**Amadis de Gaula**", de autoria de Vasco ou João da Lobeira.

As novelas de cavalaria portuguesas também são inspiradas nas **Canções de Gesta** francesas (cantigas que homenageavam os heróis e seus feitos). A prosa medieval portuguesa, como se pode concluir, é predominantemente do GÊNERO ÉPICO.

A Literatura Medieval Portuguesa, como se constatou, contém marcas do contexto em que foi produzida. Completamente dominado pelo medo do pecado e com o objetivo de agradar sempre a Deus, o homem medieval ainda consegue fazer uma literatura que em determinados momentos rompe com esse domínio: é o caso das novelas de cavalaria, dos romances ou xácaras. O segundo período medieval vai mostrar que esse "rompimento" vai aumentando com o

passar do tempo, até que o homem se volta para si mesmo, vai se tornando paulatinamente o centro da vida humana e, assim, vai se afastando das "trevas medievais". É por isso que ele será chamado de HUMANISMO.

Dentre os tipos de prosa medieval, este artigo tratará das narrativas que se destinavam a contar a vida (biografias) dos homens e mulheres santos: as **HAGIOGRAFIAS** e dos motivos que levam as mulheres brasileiras vítimas de violência doméstica e de feminicídios se identificarem com uma mulher italiana canonizada e transformada numa das mais populares santas entre elas.

III- Hagiografias:

*O primeiro me chegou
Como quem vem do florista:
Trouxe um bicho de pelúcia,
Trouxe um broche de ametista.
Me contou suas viagens
E as vantagens que ele tinha.
Me mostrou o seu relógio;
Me chamava de rainha.
Me encontrou tão desarmada,
Que tocou meu coração,
Mas não me negava nada
E, assustada, eu disse "não".
O segundo me chegou
Como quem chega do bar:
Trouxe um litro de aguardente
Tão amarga de tragar.
Indagou o meu passado
E cheirou minha comida.
Vasculhou minha gaveta;
Me chamava de perdida.
Me encontrou tão desarmada,
Que arranhou meu coração,
Mas não me entregava nada
E, assustada, eu disse "não".
O terceiro me chegou
Como quem chega do nada:
Ele não me trouxe nada,
Também nada perguntou.
Mal sei como ele se chama,
Mas entendo o que ele quer!
Se deitou na minha cama
E me chama de mulher.
Foi chegando sorrateiro
E antes que eu dissesse não,
Se instalou feito um posseiro
Dentro do meu coração.* ("Terezinha", Chico Buarque de Holanda (5))

A Canção "Teresinha", de Chico Buarque de Holanda é uma adaptação de uma famosa canção de autor desconhecido, inspirada na hagiografia que conta a história da vida de Santa Teresinha, Santa Teresinha do Menino Jesus, Teresa Martin, de Lisieux, França, conhecida biografia.

Segundo o *Dicionário dos termos literários*, a palavra hagiografia vem do grego “*hagio*”, santo ou sagrado, e *grafia*, aquilo que foi posto por escrito. A partir do século XI, refere-se à narrativa da vida dos santos e mártires do Cristianismo. O mesmo Dicionário traz um histórico das diferentes acepções do termo:

“A partir de fins do século XVII, quando, na Bélgica, se formou a Sociedade dos Bollandistas que, na esteira do padre Jean Bolland, trabalhou ativamente na recolha, edição e publicação dos manuscritos relativos à vida dos santos que acabou dando início à coleção Acta sanctorum. Os bollandistas conceberam o conceito de hagiografia como ‘ciência’ da vida dos santos e, portanto, submeteram as lendas e demais obras santorais aos crivos da ‘cientificidade histórica’ que começava a despontar no século XVIII. Mediante esse procedimento, os eruditos procuravam identificar, por um lado, as vidas ‘autênticas’, separando-as das ‘espúrias’ e, por outro, pretendiam encontrar, através das narrativas, os elementos considerados reais ou factíveis, ligados às vida de um “indivíduo real”, separando-os dos elementos inautênticos e das interpolações praticadas pelos hagiógrafos desde os primeiros séculos do Cristianismo. Para os bollandistas, a “hagiografia crítica é um ramo da ciência histórica. Seus métodos não diferem em nada daqueles que se aplicam aos sujeitos históricos” (Hippolyte Delehaye, 1934: e, com isso, vemos surgir uma outra concepção para o mesmo vocábulo: ‘hagiografia como “ciência” da vida dos santos’. Graças ao trabalho filológico, paleográfico e editorial dos bollandistas e seus discípulos, podemos contar aos milhares o número de manuscritos hagiográficos catalogados e de edições críticas primorosas que até hoje servem de material de trabalho para os especialistas das diversas áreas. O século XX, por sua vez, assistiu a uma renovação historiográfica muito acentuada, sobretudo com a fundação da chamada Escola dos Anais (Écoledes nnales) francesa que, entre outras coisas, propunha a procura por novas fontes sobre o passado. Foi assim que os estudiosos, não só franceses, começaram a olhar para as obras santorais com um interesse especial, não, porém, no mesmo sentido dos bollandistas, que esperavam separar a hagiografia verdadeira da falsa. A partir da década de 1960, senão antes, os especialistas passaram a usar a expressão hagiografia numa acepção muito próxima àquela dos autores do medievo, isto é, como sinônimo generalizante para designar as diversas obras sescritas sobre os santos.” (Dicionário de Termos Literários, grifo nosso)(6)

Enquanto a Teresinha de Jesus se identifica com a Santa Terezinha do Menino Jesus, a "Teresinha" de Chico Buarque de Holanda é uma mulher que se caracteriza como a maioria das brasileiras da atualidade e suas expectativas em relação ao seu parceiro, ao tipo de homem que lhe desperta paixão, amor: aquele que, com sua atitude, penetra ou não em seu coração.

Embora também popular no Brasil, "Santa Teresinha do Menino Jesus" não é a que está relacionada à temática deste artigo, mas sim a santa italiana muito popular entre as brasileiras: Santa Rita de Cássia.

IV - Rita de Cássia:

*A Rita levou meu sorriso
No sorriso dela
Meu assunto
Levou junto com ela*

O que me é de direito
 E arrancou-me do peito
 E tem mais
 Levou seu retrato, seu trapo, seu prato
 Que papel!
 Uma imagem de São Francisco
 E um bom disco de Noel
 A Rita matou nosso amor de vingança
 Nem herança deixou
 Não levou um tostão
 Porque não tinha não
 Mas causou perdas e danos
 Levou os meus planos
 Meus pobres enganos
 Os meus vinte anos
 O meu coração
 E além de tudo
 Me deixou mudo
 Um violão. (A Rita, Chico Buarque de Holanda (7))

A Rita da hagiografia a seguir não é aquela da qual Chico Buarque se refere em sua canção. Ao contrário. A Rita que é de interesse neste artigo é aquela que tem como nome verdadeiro Margherrita Lotti, nascida em 22 de maio de 1381 no povoado de Roccaporena, região de Cássia, na Itália. É Rita de Cássia.

De acordo com o livro “*Santa Rita de Cássia*”, escrito pelo Reverendo Luís de Marchi, a “antiga tradição” enfatiza que ela foi batizada em Cássia porque o povoado em que nasceu só veio ater fontes batismais em 1720.

O que há em comum em todas as suas biografias é que Rita de Cássia era de família muito simples e que, por isso e por ser filha única, ajudava seus pais, que eram idosos, na plantação de alimentos para subsistência da família.

Muito jovem e apesar de sempre expressar seu desejo de seguir a vida religiosa, entre seus 12 e 18 anos, Rita é obrigada a se casar com um homem “arranjado” por seu pai. É unânime a informação de que o marido de Rita era um homem violento e que a violência doméstica de que era vítima era conhecida de todos os habitantes do povoado.

Do casamento, nasceram dois filhos gêmeos, que eram sua alegria e a razão de sua vida.

"O marido de Rita tinha inimigos por causa de seu caráter violento; era ofendido e procurava vingar-se. Quando não podia alcançar seu objetivo, desabava em casa a tempestade, e sua pobre esposa, tímida e inocente, devia suportar as consequências", diz o livro de Marchi, que segue,

"Havia então cenas violentas e brutais. Excitado pelo vinho e pela cólera, Paulo se deixava levar por raivas loucas, quebrando tudo o que lhe caía nas mãos ou lhe oferecia resistência, apostrofando ou blasfemando ignominiosamente, fazendo assim estremecer de horror e desespero a pobre Rita. Em meio a essas desavenças com outras pessoas do povoado, o marido de Rita acabou assassinado. "(8)

Após a morte do marido, a pior das tragédias ocorre na vida de Rita: seus filhos são acometidos pela peste negra e ambos morrem.

Viúva e sozinha, ela se viu empenhada em realizar o sonho da infância e, finalmente, abraçara a vida religiosa.

Depois de muito custo e algumas histórias consideradas milagrosas, por causa de sua força e fé Margherita finalmente conseguiu ser aceita por um convento agostiniano. Ali assumiria o nome de Rita e passaria o resto de seus dias. Sua beatificação ocorreu 180 anos após sua morte

A história de Rita de Cássia, ou melhor, de Santa Rita de Cássia difundiu-se e popularizou-se na região onde viveu e, posteriormente, pelos países europeus e suas colônias.

No Brasil, a história de Rita de Cássia foi trazida por religiosos, em especial pelos jesuítas. Com o passar do tempo, Rita de Cássia tornou-se a santa católica de origem europeia mais popular no Brasil. Por que será que isso ocorreu e sua popularidade entre as brasileiras só aumenta?

V- Violência doméstica no Brasil: algumas considerações:

*Eu vou lhe deixar a medida do Bonfim
 Não me valeu
 Mas fico com o disco do Pixinguinha, sim!
 O resto é seu
 Trocando em miúdos, pode guardar
 As sobras de tudo que chamam lar
 As sombras de tudo que fomos nós
 As marcas de amor nos nossos lençóis
 As nossas melhores lembranças
 Aquela esperança de tudo se ajeitar
 Pode esquecer
 Aquela aliança, você pode empenhar
 Ou derreter
 Mas devo dizer que não vou lhe dar
 O enorme prazer de me ver chorar
 Nem vou lhe cobrar pelo seu estrago
 Meu peito tão dilacerado
 Aliás
 Aceite uma ajuda do seu futuro amor*

*Pro aluguel
Devolva o Neruda que você me tomou
E nunca leu
Eu bato o portão sem fazer alarde
Eu levo a carteira de identidade
Uma saideira, muita saudade
E a leve impressão de que já vou tarde. (Trocando em Miúdos, Chico Buarque de Holanda (9))*

Violência doméstica é, em geral, aquela que ocorre normalmente entre pessoas de uma mesma família, em casa, de diferentes gêneros, faixa etária. No Brasil, o mais frequente tipo de violência doméstica que ocorre é a violência doméstica contra a mulher:

"Uma das imagens mais associadas à violência doméstica e familiar contra as mulheres é a de um homem – namorado, marido ou ex – que agride a parceira, motivado por um sentimento de posse sobre a vida e as escolhas daquela mulher. De fato, este roteiro é velho conhecido de quem atua atendendo mulheres em situação de violência: a agressão física e psicológica cometida por parceiros é a mais recorrente no Brasil e em muitos outros países, conforme apontam pesquisas recentes." (10)

Agressões físicas, verbais, psicológicas podem culminar com a morte da vítima, o que é comumente chamado de **feminicídio**. Segundo a “Lei Maria da Penha”, a vítima é sempre uma mulher e seu agressor é quase sempre um homem independentemente de parentesco – o agressor pode ser o padrasto/madrasta, sogro/a, cunhado/a ou agregados – desde que a vítima seja uma mulher, em qualquer idade ou classe social.

De acordo com dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, que abrangem atos de violência física, sexual, psicológica, moral e patrimonial, o Brasil tem mais de 31 mil denúncias de violência doméstica ou familiar contra as mulheres até julho de 2022 (11)

Essa vergonhosa estatística é uma das mais altas do mundo, tornando o Brasil um dos países campeões de computados dados referentes às medidas protetivas e aos feminicídios: os números – 31.398 casos – são apenas denúncias; também não chega nem perto desse número a quantidade de agressões de todo o tipo sofridas por mulheres que sequer falam a respeito com

alguém, muito menos fazem denúncias, mas eles certamente devem ser alarmantes.

“Decidir por denunciar o agressor pode ser muito mais complexo para uma mulher do que os outros possam imaginar. Isso porque as mulheres tendem a colocar os interesses da família antes de si mesmas”, definiu. “A mulher até se inclui na situação, mas ela nunca é a prioridade. E - quase sempre - carrega a expectativa de que aquilo é passageiro e que ela poderá reverter a situação sem precisar denunciar”, observou. “O problema nisso é que muitas dessas mulheres não conseguem sair do ciclo de violência a tempo e, infelizmente, acabam sendo mortas pelos respectivos agressores”, ressalta a psicóloga e doutora em sociologia Laura Frade (11)

A Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, mais conhecida como “Lei Maria da Penha”, foi criada com o propósito de punir atos de violência contra a mulher. Ao completar 17 anos, no entanto, ao invés de diminuir as estatísticas com as devidas punições aos atos de violência contra a mulher, esses atos vêm aumentando e, atualmente, são 4,8 assassinatos a cada 100 mil mulheres.

Ao encontrar uma mulher em situação de violência, o primeiro passo é conversar e oferecer ajuda. É importante que a vítima se sinta acolhida, e não julgada. Ela deve ser informada sobre seus direitos, sobre a Lei Maria da Penha e sobre possibilidades de denúncia em seu estado e município (como os canais 100 e 180, ou ligar para a Polícia Militar através do 190)(12)

VI – Santa Rita de Cássia: violência doméstica, superação e popularidade no Brasil:

*Quando você me deixou, meu bem
Me disse pra ser feliz e passar bem
Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci
Mas depois, como era de costume, obedeci
Quando você me quiser rever
Já vai me encontrar refeita, pode crer
Olhos nos olhos, quero ver o que você faz
Ao sentir que sem você eu passo bem demais
E que venho até remoçando
Me pego cantando
Sem mais nem porque*

*E tantas águas rolaram
Quantos homens me amaram
Bem mais e melhor que você
Quando talvez precisar de mim
Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim
Olhos nos olhos, quero ver o que você diz
Quero ver como suporta me ver tão feliz.* (“Olhos nos Olhos”. Chico Buarque de Holanda (13))

A popularidade de um(a) santo(a) está relacionada às características que possuem e que se aproximam das pessoas em geral, em especial suas necessidades, as causas de seu sofrimento e a superação das dificuldades pela fé.

O Brasil tem sua Padroeira, Nossa Senhora de Aparecida, a Mãe de Jesus encontrada no fundo do Rio Paraíba por pescadores, uma imagem escura por causa do barro do fundo do rio (lembrando os negros, os escravos e a escravidão), que, ao vir à tona, faz com que uma abundante quantidade de peixes brotem daquelas mesmas águas. Sua descoberta promove um milagre e, até hoje, Ela -é visitada, homenageada e Cultuada Em sua gigantesca basílica localizada no Vale do Paraíba, em Aparecida do Norte/SP.

No rio Grande do Norte, há uma gigantesca estátua, mas ela é daquela que, depois da Padroeira, é a santa mais popular no Brasil: Santa Rita de Cássia. Essa escultura é a maior do mundo em sua homenagem.

Por que será que existe identidade entre uma santa italiana e os brasileiros, em especial entre as mulheres vítimas de violência doméstica? As razões são de fácil identificação quando vem à tona os episódios da vida de Rita de Cássia.

Não se pode negar que Rita de Cássia teve uma vida muito difícil, muito sofrida como muitos brasileiros têm, mas que ela superou graças a sua força, o seu amor incondicional e a sua intensa fé em Deus, tornando-se um modelo de pessoa que não se deixa abater pelas adversidades da vida e uma intercessora para todos os seus devotos que se encontram em dificuldades. Por terem suas súplicas atendidas, esses devotos a conclamaram como “a santa das causas impossíveis”.

Sua identidade com as brasileiras vítimas de violência doméstica é imediata. Rita se casou contra a sua vontade muito nova, quase menina, com um homem notadamente violento, dentro e fora de casa. Em casa, Rita experimentou todo o

tipo de violência, inclusive a física, e só teve o sofrimento interrompido quando seu marido foi assassinado. Depois disso, veio o sofrimento maior ainda; o da perda dos filhos ainda crianças pela peste negra.

Histórias semelhantes são muito frequentes entre as brasileiras que sofrem pelos mesmos motivos. Agredidas de todas as formas normalmente pelo companheiro (marido, amante, namorado) elas decidem interromper a relação tóxica e exigir a separação. O que mais ocorre é que o companheiro não aceita a separação, não porque a ama, mas porque acredita que ele seja “seu dono”: começa a perseguição e ela tem que procurar uma delegacia e pedir “uma medida protetiva”, que nada resolve, ao contrário, é apenas a ponte para o assassinato daquela mulher, ou seja, seu feminicídio. Nas famílias em que isso acontece - e elas são muitas – o casal têm filhos que se tornam órfãos, pois a mãe morre e o pai vai preso.

Esse sofrimento familiar vivido por Rita e que é o mesmo vivenciado por muitas famílias brasileiras é o motivo da aproximação e da devoção pela Rita Santa ou Santa Rita. Ser de Cássia, na Itália, em nada dificultou essa aproximação, ao contrário, as barreiras geográficas foram eliminadas. E ela, que era de Cássia, tornou-se do Brasil. Sua força e superação também inspiram as mulheres brasileiras violentadas como ela foi a não se conformarem com sua situação e buscarem o fim de um sofrimento que nenhum ser humano merece ter. A jovem Rita de Cássia frágil, pobre e muito simples, numa sociedade totalmente patriarcal, de protagonismo masculino, portanto, depois de ter perdido tudo e todos, fortaleceu-se e buscou a vida que desejava ter antes de se casar: a vida religiosa. As jovens Ritas do Brasil também buscam uma nova e feliz vida após as amargas experiências que tiveram em seus relacionamentos abusivos.

Pelo que até aqui foi exposto, pela mensagem e pelo exemplo de vida que Rita deixou aos católicos é que se constata os motivos dela ser tão popular e tão devotada no Brasil, com tantas igrejas e capelas em sua homenagem e com muitas comemorações no dia 22 de maio, o dia de Santa Rita de Cássia, a “santa das causas impossíveis” e das “rosas benditas”. O último apelido é em

decorrência do perfume de rosas que Rita exalava segundo algumas hagiografias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encerrar este artigo, Chico Buarque de Holanda certa feita criou uma canção com um eu-lírico feminino que inverte os papéis desempenhados pelos homens e que assume a posição de poder no relacionamento com eles. É a mulher que faz o homem ser submisso, ser mero objeto sexual, descartável e facilmente esquecido e substituído. É a mulher “da vida”, amante casual, que mesmo que um dia tenha o mesmo destino triste de muitas mulheres, naquele momento é a “poderosa”. É o eu-lírico do “Folhetim”, uma espécie de “vingadora” das mulheres brasileiras vítimas da violência praticada pelos homens.

*Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim
E, se tiveres renda
Aceito uma prenda
Qualquer coisa assim
Como uma pedra falsa
Um sonho de valsa
Ou um corte de cetim
E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia luz
E te farei, vaidoso, supor
Que és o maior e que me possuis
Mas na manhã seguinte
Não conta até vinte
Te afasta de mim
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim.*

(Folhetim, Chico Buarque de Holanda (14))

REFERÊNCIAS

(1) HOLANDA, Chico Buarque de. **Gota D'água**. Disponível em <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45133/>

(2) Toda a parte referente à Literatura Medieval Portuguesa foi baseada nas seguintes obras:

SARAIVA, Antônio José & LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. 7ª. Ed. Porto: Porto Editora, 2006 e

LAJOLO, Marisa. **Caminhos da Linguagem**. São Paulo: Ática, 1977-Volume 1

(3) HOLANDA, Chico Buarque de. **Com açúcar, com afeto**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45123/>

(4) **BELOTO, Rosa Maria Mijas. Bibliotecas e Cancioneiros**. In "Revista O Livro Porta a Porta" . São Paulo: Associação Brasileira de Difusão do Livro – ABDL no. 29 – julho/agosto/setembro/2001 – p. 6

(5) HOLANDA, Chico Buarque de. **Teresinha**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45180/>

(6) **Dicionário dos Termos Literários**. Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/hagiografia>

(7) HOLANDA, Chico Buarque de. **A Rita**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/85827>

(8) MARCHI, Luís de. **Santa Rita de Cássia** . São Paulo: Editora Paulus, 2014.

(9) HOLANDA, Chico Buarque de. **Trocando em Miúdos**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45182/>

(10) **Dossiê Violência contra as mulheres. Violência doméstica e familiar**. Disponível em:

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contras-as-mulheres/>

(11) **Ministério dos Direitos Humanos e da Justiça. Ouvidoria Nacional**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contras-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar>

(12) **Violência doméstica no brasil: o que é, tipos e como denunciar**. Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/faq/violencia-domestica-o-que-e-principais-tipos-e-dados-do-brasil.htm>

(13) HOLANDA, Chico Buarque. **Olhos nos Olhos**. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/65962/>

(14) _____ **Folhetim**, Disponível em <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/85968/>

Recebido em: 11-10-2023
Aceito em: 25-10-2023